

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS CENTRO DE ESTUDOS
SUPERIORES DE PARINTINS CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS.**

LUIZ FERNANDO LOPES BRASIL

**RIOS QUE CRUZAM HISTÓRIAS: UM ESTUDO DOS ELEMENTOS SOCIAIS,
ECOLÓGICOS E MÍTICOS NA OBRA ÓRFÃO DAS ÁGUAS DE WILSON
NOGUEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no âmbito da
disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II como requisito do
curso de graduação em Letras da Universidade do Estado do
Amazonas – UEA

LUIZ FERNANDO LOPES BRASIL

**RIOS QUE CRUZAM HISTÓRIAS: UM ESTUDO DOS ELEMENTOS SOCIAIS,
ECOLÓGICOS E MÍTICOS NA OBRA ÓRFÃO DAS ÁGUAS DE WILSON
NOGUEIRA**

BANCA EXAMINADORA

Prof.Dr Delma Pacheco Sicsú
Presidente

Prof.º Me. Luis Alberto Mendes de Carvalho
Membro interno

Prof.º Ma. Auxiliadora Fonseca Machado
Membro interno

RIOS QUE CRUZAM HISTÓRIAS: UM ESTUDO DOS ELEMENTOS SOCIAIS, ECOLÓGICOS E MÍTICOS NA OBRA *ÓRFÃO DAS ÁGUAS* DE WILSON NOGUEIRA.

Luiz Fernando Lopes Brasil (Discente-UEA) ¹

Delma Pacheco Sicsú (Orientadora) ²

Resumo

O presente artigo, intitulado "Rios que Cruzam Histórias: Um Estudo dos Elementos Sociais, Ecológicos e Míticos na Obra *Órfão das Águas* de Wilson Nogueira", tem como o contexto do Amazonas, um território onde o real e o mítico se fundem profundamente, e os rios representam vias de memória e sobrevivência. A obra de Wilson Nogueira é analisada por sua força singular em transpor as dimensões social, ecológica e mítica, revelando tensões entre a tradição, a identidade e as transformações impostas pela ação humana. O objetivo central da pesquisa foi compreender como o texto literário representa e problematiza as complexas interações entre o imaginário amazônico, as práticas socioculturais e as crises ecológicas da região. Metodologicamente, o estudo adotou uma abordagem qualitativa e de caráter bibliográfico, apoiando-se no método fenomenológico para interpretar as experiências simbólicas e dialogando com os pressupostos da Ecocrítica, examinando a articulação entre natureza, sociedade e imaginário na obra. Os resultados essenciais demonstraram que *Órfão das Águas* articula elementos sociais, ambientais e simbólicos para tecer uma crítica sensível à exploração do meio ambiente, recuperando memórias culturais e integrando saberes populares e científicos da população ribeirinha. A perspectiva Ecocrítica evidenciou que o ambiente amazônico é apresentado não apenas como cenário, mas como um agente afetado, cuja vulnerabilidade é revelada, transcendendo o plano ficcional para alcançar questões éticas atuais. Conclui-se que a obra se transforma em um espaço de diálogo, reforçando o papel da literatura como instrumento de conscientização ambiental, valorização cultural e de incentivo ao pensamento crítico sobre a finitude da vida e a preservação do ecossistema.

Palavras-chave:

Ecocrítica, Literatura Amazônica, *Órfão das Águas*, Imaginário Mítico, Cultura Ribeirinha

Abstract

This article, entitled "Rivers that Cross Histories: A Cross-Sectional Study of the Social, Ecological, and Mythical Elements in Wilson Nogueira's Work *Orphan of the Waters*," is set in the context of the Amazon, a territory where the real and the mythical are deeply intertwined, and rivers represent pathways of memory and survival. Wilson Nogueira's work is analyzed for its unique ability to transcend social, ecological, and mythical dimensions, revealing tensions between tradition, identity, and the transformations imposed by human action. The central objective of the research was to understand how the literary text represents and problematizes the complex interactions between the Amazonian imaginary, sociocultural practices, and the region's ecological crises. Methodologically, the study adopted a qualitative and bibliographic approach, relying on the phenomenological method to interpret symbolic experiences and engaging with the assumptions of Ecocriticism, examining the articulation between nature, society and imagination in the work. The essential results showed that *Órfão das Águas*

articulates social, environmental, and symbolic elements to weave a sensitive critique of environmental exploitation, recovering cultural memories and integrating popular and scientific knowledge of the riverside population. The ecocritical perspective highlighted that the Amazon environment is presented not only as a setting but as an affected agent, whose vulnerability is revealed, transcending the fictional plane to reach current ethical issues. It is concluded that the work becomes a space for dialogue, reinforcing the role of literature as a tool for environmental awareness, cultural appreciation, and encouragement of critical thinking about the finiteness of life and ecosystem preservation.

Keywords:

Ecocriticism, Amazonian Literature, Orphan of the Waters, Mythical Imaginary, Riverside Culture

introdução

O território amazônico, simbolizado por sua exuberância natural e por um vasto conjunto de mitos, histórias orais e práticas culturais, é um espaço onde o real e o fictício se juntam de maneira profunda. É nesse local, onde rios não são apenas cursos d'água, mas vias de memória, sobrevivência e imaginário coletivo. A literatura que surge desse contexto carrega consigo, uma força singular que transpõe dimensões ecológicas, sociais e míticas, revelando tensões entre a tradição, identidade e as transformações impostas pela ação humana.

Dentro desse cenário, a obra *Órfão das Águas*, de Wilson Nogueira, apresenta uma narrativa rica que liga a vida ribeirinha, o impacto ambiental e as heranças culturais amazônicas, mostrando como cada história individual está profundamente conectada ao ambiente e ao imaginário local, por isso, a palavra transversal está intrinsecamente ligada à temática desse artigo. De acordo com, Caldas (1823-1878) a palavra “transversal” refere-se a algo que atravessa, corta outra coisa; num sentido geral indica tudo aquilo que não segue uma orientação linear, mas que se desloca convergindo diferentes pontos, áreas ou dimensões.

O romance *Órfão das Águas*, de modo que a transversalidade literária, revela-se um fio condutor para todos os conceitos e implicações sociais que estão explícitos e implícitos no decorrer da história, capazes de cruzar o percurso humano, práticas culturais, conflitos socioambientais e lendas que moldam a forma como a floresta é percebida e vivida.

Ao ler a obra há a ampliação do olhar crítico e interdisciplinar sobre a Amazônia, um território de grande relevância nacional e mundial, com uma grande fauna, cultura e história. Assim, ao analisar a obra *Órfão das Águas*, essa pesquisa história nos permite compreender como a literatura pode servir como um meio de reflexão sobre temas como a relação entre homem e natureza. Além disso, este estudo possibilita o desenvolvimento de habilidades de

análise textual, interpretação histórica e compreensão das influências que moldam nosso caráter como cidadãos críticos de nossa própria carga histórica social.

Ademais, a importância desta pesquisa para o curso de Letras se dá pelo fato de ser fundamental para o curso, pois permite uma abordagem interdisciplinar entre literatura, história, sociologia e ecologia, promovendo uma leitura crítica e reflexiva dos textos literários. Ao analisar a obra *Órfão das Águas*, este estudo contribui para a compreensão da literatura como um instrumento de representação cultural e conscientização ambiental, aspectos essenciais para a formação de professores, pesquisadores e críticos literários. Além disso, aprimora a capacidade de interpretação textual e argumentação acadêmica, desenvolvendo no estudante de Letras um olhar mais atento às questões sociais e ambientais presentes nessa narrativa literária. Dessa forma, o trabalho fortalece o papel da literatura como meio de diálogo com outras áreas do conhecimento, enriquecendo a formação acadêmica e profissional dos futuros professores.

Quanto a importância desta pesquisa para a sociedade, destaca-se sua relevância pois, o fato que a própria obra propicia reflexões sobre a preservação ambiental, a valorização da cultura amazônica e a importância da memória histórica. Ao explorar a interseção entre literatura e meio ambiente, a pesquisa fomenta debates sobre o impacto humano na Amazônia e no meio ambiente, incentivando uma consciência ecológica mais ampla. Além disso, ao trazer à tona elementos do folclore e da cultura regional, contribui para a valorização das identidades culturais brasileiras, combatendo o apagamento histórico de povos e tradições. A literatura, quando analisada de forma crítica, torna-se uma ferramenta de transformação social, estimulando nos leitores o senso de pertencimento e a responsabilidade sobre o meio em que vivem. Assim, esta pesquisa não apenas enriquece o campo acadêmico, mas também promove um impacto positivo na sociedade, incentivando o pensamento crítico e a preservação da diversidade cultural e ambiental.

Por fim, do ponto de vista metodológico, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa e de caráter bibliográfico, apoiando-se no método fenomenológico para interpretar as experiências simbólicas e culturais presentes na narrativa, e dialoga ainda com os pressupostos da Ecocrítica, a fim de examinar como natureza, sociedade e imaginário se articulam na obra *Órfão das Águas*. Este artigo está estruturado com o referencial teórico no tópico um, posteriormente o dois refere-se a metodologia e subsequente a análise de dados no item três, finalizando com as considerações finais e referências bibliográficas.

1. Fundamentação teórica.

1.1 Entre o saber popular e o saber científico

O saber popular constitui um conhecimento que experienciamos na prática ou nas observações que fazemos diretamente da nossa realidade sendo algo, espontâneo e geralmente subjetivo não visando apenas teorias, raciocínio abstratos ou especulatórios, podendo ser transmitido diretamente pela cultura geracional, mas sem um conjunto de processos técnicos e caminhos organizados que possamos utilizar para chegar a alcançar um objetivo específico. Em contrapartida o saber científico está ancorado em ser sistemático agir de forma organizada, metódica e verificável, sempre será constituído adiante do método científico levando a observações, hipóteses e experimentos, permitindo assim a validação de resultados. Ambos são importantes porque cumprem lugares diversos e complementares na vida humana e social.

A priori, quando tratamos desse assunto dentro da obra *Órfão das águas*, podemos citar a representação do velho Duca, uma figura que se torna presente na narrativa de modo a acreditar que as tempestades foram causadas pela Cobra-Grande, uma figura do folclore regional amazônica. Essa lenda se baseia em tradições orais, crenças populares e experiências pessoais, típicas das comunidades ribeirinhas do Amazonas dentre outras regiões do Brasil. Para ele, os fenômenos naturais possuem uma explicação mística, muitas vezes ligada à cultura local. Podemos estabelecer uma conexão entre o trecho a partir da reflexão de Culler.

O principal efeito da teoria é a discussão do 'senso comum': visões de senso comum sobre sentido, escrita, literatura, experiência. [...] A teoria é muitas vezes uma crítica belicosa de noções de senso comum; mais ainda, uma tentativa de mostrar que o que aceitamos sem discussão como 'senso comum' é, de fato, uma construção histórica, uma teoria específica que passou a nos pareceres tão naturais que nem ao menos a vemos como uma teoria. (1999, p. 13-14).

Após as considerações de Jonathan Culler que reforçam essa literatura ao colocar que o “senso comum” não é uma exatidão universal, mas uma construção histórica que se naturaliza a ponto de não mais ser reconhecida com tal é quando nos deparamos com o mundo ao nosso redor, aproximadamente sempre imaginamos que algumas coisas são óbvias. É intuitivo crer que todos compreendam o que é “literatura”, e “sentido” de um texto e que deve estar lá dentro, no aguardo de ser encontrado, ou que escrever bem é o simples fato seguir regras fixas. Esse é o ambiente do senso comum, aquilo que admitimos sem questionar, como se eles fossem dados pela própria realidade. É nessa virada que entra a teoria, sua função é nada, mas que reforçar essas certezas, mas sim abalá-las, ela se insere como uma voz crítica que desafia o óbvio, dessa maneira, o efeito mais importante da teoria é fazer o invisível aparecer e por mostrar que o que tornamos natural é, na verdade, o apuramento de escolhas, tradições e disputas.

Nessa perspectiva, compreender o papel da teoria leva a reconhecer que o conhecimento não se dá de forma instantânea, mas é resultado de um procedimento de problematização e

investigação. Ao desvincular-se das aparências e contestar o que é natural, a teoria se achega ao movimento próprio da ciência, que procura não apenas descrever os fenômenos, mas entender suas causas e estruturas subjacentes. portanto, de tal modo a literatura e a produção científica, há esse zelo em ultrapassar o senso comum e alcançar uma visão bem mais apurada da realidade, agarrando-se em métodos, análises e reflexões que revelam a complexidade do objeto estudado, com isso.

Para Freitas *at all* (2025, p. 4)

O conhecimento científico se fundamenta na captação da essência do objeto, do real, do exato ou próximo do exato, obtido de modo sistemático a partir de método, de técnicas e instrumentos de investigação. Em busca dele, o cientista tem como meta conhecer, além do fenômeno em si, as causas que o produziram e, para isso, classifica, compara, reflete, analisa, sintetiza, individualiza, generaliza, particulariza, busca compreender e conceituar as propriedades externas e internas do objeto estudado.

Essa importante vertente remete ao conhecimento científico, que se diferencia do senso comum e das explicações do misticismo, ao ter essa busca por compreender a realidade por meio dos métodos de observação e evidências. Então, ao apontarmos essas concepções de Freitas *at all* sobre o saber científico, é inegável as suas percepções imediatas dessa busca metódica e crítica do senso científico. Enfim, é exatamente nesse caminho do saber popular e conhecimento científico que se insere o folclore amazonense, rico em narrativas, lendas e símbolos que exprimem a ligação das comunidades ribeirinhas com a natureza.

1.2 O folclore Amazonense: Entre mitos, saberes populares e a voz da natureza

Falar sobre o imaginário Amazônico é de certa maneira incluir as diversas expressões culturais repletas de mitos e saberes populares, de todo modo essa riqueza cultural reflete a vasta relação com os povos tradicionais, as águas, florestas e os diversos seres que habitam esse ambiente único. Isso une-se revelando uma relação de intensa reverência a esse grande ecossistema natural, que é fundamental manter vivo para nossa identidade como povo amazônico e incentivar o cuidado com nosso patrimônio cultural e ambiental. Com isso, é intuitivo dizer que “Sob o olhar do natural, a região se torna um espaço conceptual único, mítico, vago, irrepitível, posto que cada parte desse espaço não é igual a outro), próximo e, ao mesmo tempo, distante” (LOUREIRO, 2001. p 60).

Como já esmiuçado acima, a literatura Amazonense e o imaginário, são tratados como um conjunto de imagens e símbolos e representações do coletivo, isso, são conceitos que não

são construídos apenas por meio de recursos estilísticos, como a linguagem poética, figuras de linguagem e ritmo, mas também por recursos imagéticos que criam imagens vivas na mente do leitor. Essas perspectivas ajudam a evocar um universo simbólico próprio da região amazônica e que são marcados por elementos fantasiosos, fantásticos, míticos e culturais. Ela é frequentemente apoiada em símbolos grandiosos e ao mistério da floresta como os animais místico presentificado na figura da Cobra-grande que se torna uma marca na narrativa.

Além dos recursos estilísticos, há também os recursos imagéticos que o ajudarão a construir o imaginário presente na obra. O imaginário, dependendo da história narrada, apresenta-se na obra de diferentes formas. Na literatura amazonense, ele se manifesta, a partir de distintos símbolos representando o mundo fabuloso que é a Amazônia. (SICSÚ.2019. p.21).

No livro de Wilson Nogueira *Órfão das águas* o folclore da região se torna uma expressão cultural, recheado de mitos, saberes populares e um apelo a não extinção dos animais, florestas e estão intrinsecamente ligados na história e ao imaginário dos personagens, todos esses elementos socioculturais constituem um conjunto figurativo que transcreve as experiências, crenças e modos de vida de um ambiente social, demonstrando um olhar de mundo nas relações com o habitat natural e social. Na literatura amazonense, todos os elementos adquirem um papel fundamental, pois materializam o imaginário coletivo regional, unindo mitos, sabedorias populares e narrativas de preservação ambiental. Ao observarmos todos esses elementos em *Órfão das águas*, de Wilson Nogueira (2022), percebemos eu a ficção literária se mistura com o universo mítico e ecológico da Amazônia, em que, lendas e os mistérios da floresta não apenas compõem o plano de fundo narrativo, mas traz mediações sistemáticas da identidade regional. No mais, a extensão mítica dentro das representações literárias ultrapassa o campo do fantástico, atuando como um instrumento de resistência cultural e de valorização da memória coletiva.

De toda forma, percebe-se, nesse cenário, uma vocação alegórica que se manifesta nas narrativas populares amazônicas. Como lembra Loureiro (2001, p. 85), a alegoria “busca a essência através da aparência”, e há, nesse imaginário, uma constante tentativa de compreender dimensões fundamentais da existência, o homem, o amor, a vida, a morte, o trabalho e a natureza. Tais aspectos são expressos por meio de figuras míticas como o boto, a Iara, a Cobra-Grande e tantos outros seres que habitam o folclore regional. Essa visão dialoga com a preocupação cotidiana da população com os fenômenos naturais. Assim, a dimensão alegórica dessas narrativas se junta diretamente aos arquétipos universais e ao mesmo tempo, às especificidades regionais que serão mais trabalhadas no seguinte parágrafo.

Dito isso, esses elementos culturais próprios da região, são, ao mesmo tempo, conexões com arquétipos universais presentes no inconsciente coletivo de diferentes culturas e elementos regionais do imaginário amazônico, alimentados por símbolos locais como a Cobra-Grande, uma figura mítica que aparece em diversas narrativas orais e literárias da região. Esses elementos são transmitidos pelas crenças dos povos indígenas e ribeirinhos e constituem uma mitologia própria da floresta.

O imaginário amazônico, embora lance mão de elementos específicos da região, ou seja, a linguagem e a presença de alguns animais vistos aqui como gigantes, como é o caso da Cobra Grande, é, também, um imaginário que, de certa forma, está presente no inconsciente coletivo de outros povos. da mesma forma que em outras culturas o sono pode ser visto como coirmão da morte, ele se pode perceber no imaginário amazônico, principalmente na literatura” (SICSÚ.2019. p.26)

Apesar de ser marcado por características regionais, esse imaginário também dialoga com símbolos universais, como o sono associado à morte. A ideia de que o sono é "irmão da morte" está presente em diversas culturas e tradições religiosas. Assim, mesmo uma narrativa situada na Amazônia pode ser compreendida em um contexto simbólico mais amplo. Esse cruzamento entre o local e o universal se manifesta em obras que usam o misticismo da floresta para falar de questões humanas profundas, como a passagem entre vida e morte, os medos primordiais e os ciclos da natureza.

De todo modo, o imaginário amazônico se mostra um universo simbólico onde o mito, a ciência, tradição e modernidade, completam e sustentam as narrativas que conservam a memória cultural e, paralelamente, dialogam com arquétipos universais presentes em diferentes sociedades. O patrimônio dessas expressões abrange desde a rotina ribeirinha até as alegorias de seres míticos, como a Cobra-Grande e o boto, entre outros símbolos imagéticos que integram o repertório coletivo, mostrando que a Amazônia é mais do que um território físico é um lugar de significações que ressoa além de suas fronteiras.

Nesse contexto, as obras literárias não apenas marcam esse universo simbólico, mas o reinventam, aproximando-o do leitor por meio de símbolos e metáforas que articulam vida, morte, amor e a natureza de forma profunda. Diante dessa perspectiva " não se pode deixar de fazer uma relação entre a literatura infantil e o imaginário, uma vez que essa literatura, pelo seu caráter mágico, lança mão de elementos imagéticos com uma carga simbólica diversificada” (SICSÚ, 2019, p. 58). É desse conjunto de sentidos que se esboça um espaço propício para refletirmos sobre o diálogo da realidade e ficção, onde esses limites se tornam cada vez mais tênue.

1.3 A literatura como espaço de encontro entre sociedade e ficção

A complexa relação entre ficção e realidade, nos textos narrativos, vem sendo trabalhados como produtos da imaginação, tendo o poder de influenciar profundamente os leitores e moldar suas percepções e comportamentos em relação ao mundo real. Embora a ficção surja de um uso comunicativo direto e imediato, ela carrega consigo marcas do contexto que propõe e orienta o leitor. A literatura ficcional, ao criar mundos verossímeis por meio de estratégias semióticas eficazes, pode produzir reações emocionais intensas e transformações práticas.

“O facto de a ficção eventualmente induzir transformações de comportamentos e de juízos do leitor, relativamente ao mundo real, pode ser associado a certos momentos históricos e a certos géneros narrativos. O efeito exercido pelas novelas de cavalaria sobre o Fidalgo da Mancha é bem conhecido, naquilo que tem de desligamento da realidade, do mesmo modo, a consolidação do romance (v.), no tempo que vai do tardo.” (REIS, 1950.p 240-241)

A partir dessas análises o ficcional pode ser alcançado como um recurso central da narrativa, assim está intrinsecamente atrelada à capacidade de criar mundos possíveis que não necessariamente precisam refletir a realidade imediata. Ela surge da ideia de disfarce, mas não no sentido negativo, e sim como uma composição de universo imaginado, que adere a suas próprias regras internas. Dessa forma, o ficcional gera um espaço de experimentação, no qual o autor pode reorganizar elementos do real, amplificando-os ou transformando-os para criar sentidos. Essa liberdade permite que temas complexos sociais, culturais ou existenciais sejam reelaborados de forma simbólica, oferecendo ao leitor uma perspectiva diferente sobre aquilo que ele reconhece no mundo concreto. Sendo assim, a ficção não apenas se afasta da realidade, mas dialoga com ela.

Conforme Reis (2018 p. 156)

A ficcionalidade pode ser pensada em termos de intencionalidade Diz-se, por isso, que "o critério de identificação que permite reconhecer se um texto é ou não uma obra de ficção deve necessariamente residir intenções do autor"; não se verificando" propriedade textual, sintático que permita identificar um texto como obra de ficção.

Esses traços se revelam de tal maneira na literatura quanto em distintas linguagens, como o cinema e as series, e é o que permite ao legente ou espectador reconhecer que permanecem diante de uma obra fictícia. A ficcionalidade, portanto, não submetesse apenas a um gênero específico, mas de modo que organiza o discurso, e coloca em vigor um jogo de

invenções e representações. Outro ponto importante é a ficcionalidade e como ela está ligado ao propósito do autor. Assim, uma história se faz ficcional mediante o autor construir deliberadamente uma realidade inventada, convidando o leitor a aceitá-la como tal dentro dos limites do texto. Essa intenção criada é o que diferencia a ficção de outros discursos, como se a história e ciência, se apoiassem nos fatos.

Podemos contextualizar essa realidade social em duas vertentes, tanto a externa do mundo como a que foi gerada pela obra, se revelando através da linguagem e imaginação. As obras literárias não apenas mimetizam, mas recria e transforma, gerando mundos prováveis que espelham e indagam a nossa própria realidade. Assim sendo, a literatura e realidade são complexas e multifacetadas, cercando a verossimilhança, a subjetividade do autor e a aptidão da obra de expressar uma visão de mundo particular, para resumir a literatura se desloca entre o real e o imaginário, e não apenas traduz o mundo, mas o reinterpreta, mostrando verdades simbólicas e subjetivas que enriquecem nossa compreensão da própria realidade.

De acordo com Betânia (2011, p. 128)

O poeta [...] vê movimentarem-se sem propósito o emaranhado das paixões, famílias e reinos, vê os insolúveis enigmas dos enganos [...]. Nascidas no solo do coração, cresce a bela flor da sabedoria e, enquanto os outros sonham despertos [...], ele vive então o sonho da vida como um ser em vigília, e acontece o fato mais extraordinário: para ele o passado é ao mesmo tempo futuro. Dessa forma, o poeta é ao mesmo tempo professor, vidente, amigo dos deuses e dos homens.

Esse olhar demonstra como a literatura se enraíza no âmbito social, uma vez que o poeta não cria isoladamente, ele constata os conflitos humanos, as estruturas de poder, angústias entre indivíduos e o coletivo, assim, o autor atua como intérprete da experiência humana, mostrando como as emoções e os dramas pessoais estão conectados a forças sociais mais amplas. Ao elucidar esses elementos por meio da imaginação, se desenvolve à sociedade através da leitura crítica e simbólica de si mesmo. A circunstância de o passado ser de certa forma o futuro demonstra que a literatura não apenas contempla o presente, mas dialoga com a memória coletiva e lança horizontes de modificações sociais.

Essas duas vertentes aparecem na obra tendo uma forte interação entre o mundo real e ficcional, o que torna a narrativa mais enriquecida ao gerar uma atmosfera de mistério e fantasia. Essa junção não apenas amplia a expressividade do texto, mas também convida o leitor a perceber que a realidade é atravessada por múltiplas camadas simbólicas, afetivas e culturais. Portanto, a obra reafirma o poder entre o real e o imaginário, constrói-se um espaço fértil para compreender a sociedade, revisitar a tradição e projetar novos modos de existir.

2. Metodologia

Para buscarmos resposta sobre como produzir conhecimento mediante a escrita, podemos explicar que conhecer não é a simples arte de observar algo pronto no mundo, mas arquitetar o sentido desse algo. Ou seja, a sabedoria não está dada, ela é cultivada por meio da nossa competência de analisar e reconstruir simbolicamente o que reconhecemos da realidade. Nós, como seres que reconhecem o conhecimento e sua constituição como objeto do conhecimento, não apenas possuímos informações do mundo, mas recriamos psicologicamente o sentido dessas informações. Isso ocorre por meio da nossa mente, linguagem, cultura e experiências, pois o conhecimento é uma construção simbólica, gerada pelo ato entre o sujeito e o objeto, e não algo que existe de maneira isolada em ambos.

Mas o que vem a ser produzir conhecimento? O que se quer dizer é que conhecimento se dá como construção do objeto que se conhece, ou seja, mediante nossa capacidade de reconstituição simbólica dos dados de nossa experiência, apreendemos os nexos pelos quais os objetos manifestam sentido para nós, sujeitos cognoscentes... Trata-se, pois, de redimensionar o próprio processo cognoscitivo, até porque, em nossa tradição cultural e filosófica, estamos condicionados a entender o conhecimento como mera representação mental. O que se deve concluir é que o conceito é uma representação mental, mas esta não é o ponto de partida do conhecimento, e sim o ponto de chegada, o término de um complexo processo de constituição e reconstituição do sentido do objeto que foi dado à nossa experiência externa e interna. (SEVERINO, 2017, p.26).

Mediante a análise de *Órfão das águas*, ao falarmos que estamos condicionados a compreender o conhecimento como mera representação mental, apresento essa pesquisa que se desenvolve sob enfoque qualitativo e de caráter bibliográfico, de modo a embasar o estudo de obras literárias e referenciais que conversem com a indicação de investigação. Essa decisão metodológica convém pela necessidade de captar e investigar o universo simbólico, cultural e imaginário presente na obra *Órfãos das Águas* através de Wilson Nogueira examinando neste texto literário as representações da Amazônia e suas múltiplas interações entre natureza, sociedade e ficção.

Para que possamos trabalhar nesse processo de pesquisa, emprega-se as diretrizes de procedimento o método monográfico. Modo esse que segundo Almeida (2021), consiste num estudo profundo e intenso, que debate sobre um determinado assunto. Esses debates podem envolver grupos sociais, indivíduos, instituições, comunidade, entre outros. Assim, o estudo de caso busca não apenas descrever o fenômeno, mas também explicar suas causas, implicações e particularidades, oferecendo uma visão aprofundada.

Como método de abordagem adotou-se o fenomenológico, partindo da premissa de que se busca compreender o ser das experiências humanas e simbólicas que emergem da narrativa. Desse ponto de vista a captação e manifestações do imaginário e das práticas amazônicas tal

como se manifestam na obra enriquecendo a percepção sensível e interpretativa do pesquisador mediante o texto literário. Por isso, a fenomenologia não se limita ao relato das partes narrativas, mas tenta discernir as experiências existenciais e culturais que o autor tenta alcançar da subjetividade do leitor e da realidade mostrada, como demonstra (PRODANOV e CRISTIANO, 2013, p.35).

O método fenomenológico não é dedutivo nem empírico. Consiste em mostrar o que é dado e em esclarecer esse dado. “Não explica mediante leis nem deduz a partir de princípios, mas considera imediatamente o que está presente à consciência: o objeto.” (GIL, 2008, p. 14). Consequentemente, tem uma tendência orientada totalmente para o objeto. Ou seja, o método fenomenológico limita-se aos aspectos essenciais e intrínsecos do fenômeno, sem lançar mão de deduções ou empirismos, buscando compreendê-lo por meio da intuição, visando apenas o dado, o fenômeno, não importando sua natureza real ou fictícia

Junto aos métodos de abordagem e de procedimento esta pesquisa está sustentada na crítica literária da Ecocrítica¹, ao qual me permite trabalhar uma gama de questões que o livro *Órfão das águas* proporciona e que são abordadas nesse trabalho de conclusão de curso. As etapas da pesquisa aconteceram de forma sequencial para certificar coerência e profundidade na análise. A primeira parte foi a leitura da referida obra, ocasião em que procurou decifrar suas nuances temáticas, estilísticas e simbólicas, com atenção às representações da Amazônia e a construção do imaginário regional. Posteriormente, foi feito o levantamento bibliográfico de autores e teóricos que dialogam com minhas abordagens metodológicas e com a temática tratada nesta pesquisa.

Após, foi realizado o fichamento dos textos teóricos que favoreceu a organização dos dados e apontar convergências e divergências teóricas e instaurar relações entre o texto literário e os estudos críticos selecionados. Todo esse processo foi fundamental para mostrar como a leitura transversal se manifesta na narrativa de Wilson Nogueira e enquanto isso, analisar criticamente a obra, levantar as principais questões abordadas nesta pesquisa e identificar como essas problemáticas se instauram no tecido narrativo, permitindo uma contemplação ampla do texto como produto cultural, estético e ambiental, que reflete e questiona a realidade amazônica contemporânea.

¹ O que vem ser a Ecocrítica? É uma área de estudo que analisa as relações entre a literatura, a cultura e o meio ambiente, com o objetivo de compreender como as representações culturais influenciam e refletem as atitudes em relação a natureza.

3. Do domínio a coexistência: A transição da visão antropocêntrica (homem no centro) para a Ecocêntrica (natureza no centro).

A conexão entre o ser humano e o meio ambiente tem sido historicamente trabalhada por um conflito de percepções. Por um lado, prevalece a perspectiva pragmática e muitas vezes gélida da lógica industrial-científica que profana a natureza, enxergando-a só como um recurso inesgotável, um aglomerado de matéria-prima servil ao progresso. Mais em contrapartida, resistem os sabres populares e os olhares integradores, que reconhecem a humanidade não como senhora da Terra, mas como parte indissociável de sua cadeia biológica.

Quando esse cenário utilitário se sobrepõe, o animal perde sua subjetividade e torna-se objeto, a vida converte-se em cifra. Essa coisificação do ser vivo, validada pela demanda econômica, gera cegueiras morais que apenas a sensibilidade da arte e narrativa conseguem denunciar, Bachelard (apud SICSÚ1993) confirma que a imaginação é a única capaz de desvelar o que está oculto, de ultrapassar a realidade, de ver o invisível e de ir a fundo das coisas. É necessário, portanto, olhar para a história não apenas pelos números da produção, mas pelo impacto na vida que foi silenciada. Por exemplo, um trágico e emblemático acontecimento desse processo de exploração desenfreada ocorreu no contexto amazônico do século XX.

A narrativa *Órfão das águas* de Wilson Nogueira destaca o fato de que, na região do Amazonas se caçava e matava grandes quantidades de peixe-boi em meados de 1934, devido uso do seu couro para fins industriais, uma prática que levou ao declínio da população desse animal. Essa realidade é reforçada quando é narrado que “Ora estava mexendo nas minhas lembranças. São Joaquim Romeiro, um comerciante português que teu bisavô conheceu, contava que os navios levaram milhares de toneladas de peixes-boi e tartarugas para cidades da Europa” (NOGUEIRA, 2011.p 16). A obra tece toda uma construção imagética por trás da matança do animal que serve como crítica àquela ação predatória que é retratada de forma lúdica. De toda forma, as falas do personagem reafirmam a exploração intensa da fauna amazônica, como também amplia o caráter de relato do livro revelando como a literatura pode recuperar memórias de violência ambiental e transformá-la em reflexão

[...]mudar sua realidade a partir do imaginário, pois ao criar imagens ele também está criando mundos, novos sentidos, provocando nos receptores dessa imagem a necessidade de não só conhecer e buscar o sentido das coisas, mas também de produzir novos significados e novas imagens. (SICSÚ.2019. p.33)

A reflexão sobre o poder do imaginário de criar mundos e sentidos se relaciona diretamente com a crítica apresentada na narrativa, pois mostra como imagens produzidas pelo homem podem tanto gerar consciência quanto revelar sua capacidade destrutiva. Dessa forma a crítica principal em torno da narrativa, mostra como o ser humano pode ser destrutiva, para a natureza quanto para si próprio, levando uma espécie a extinção como o caso da Vaca-marinhade-Steller, citado na obra *Órfãos das águas*, que foi dada como exemplo pelo cientista, alertando o que aconteceria se não parassem a matança do Peixe-boi. Os moradores da vila predavam o animal para vender sua banha para os navios pesqueiros, que a usavam como combustível para candeia, e isso tornou-se fonte de renda dos moradores de Santa Rosa que utilizavam de forma desordenada, levando a quase extinção do animal.

A outra vertente ligada a obra está ligeiramente atrelada a Cate, protagonista da história. O menino menciona sua professora, a quem obviamente representa o conhecimento científico, em busca de explicações racionais ao fato das grandes chuvas que estavam destruindo o vilarejo em que vivia com seu avô, isso tudo baseado em evidências e conhecimento. O menino ao falar com sua professora, afirma que a Cobra-Grande é uma lenda, e nos leva acreditar que a tempestade tem origem na natureza revoltada pelo desmatamento dos ribeirinhos, que causavam um desequilíbrio no ecossistema local. Cate expressa uma forma de pensar e compreender o que está ao seu redor por meio de suas observações e questionamentos, buscando encontrar explicações para os fenômenos de alguma maneira e sempre aberto para novos saberes e descobertas.

Dessa maneira, ao amplificarmos a discursão sobre as causas ambientais e históricas que atravessam a narrativa, percebemos que essa questão é abordada no livro *Órfãos das águas* de Wilson Nogueira (2011). A história narra que milhares de toneladas de peixe bois eram levados com destino as cidades da Europa para serem usados na fabricação de cola e correia de máquinas. E é nessa perspectiva que a ficção e realidade são entrelaçados na obra, o ficcional se tornar um arquétipo da verdade capaz de condensar fatos e torná-los uma crítica ao mundo físico e ficcional.

Quando colocamos em jogo a narrativa predominante sobre a preservação ambiental, geralmente trabalhamos sob uma ótica de “território intocado”, dissociando a natureza da presença humana. Esse afastamento gera um desafio imediato, ao romantizar a floresta ou os ecossistemas como lugares vazios que necessitam ser salvos, frequentemente ignorando-se as populações que ali vivem e coexistem com o bioma há gerações. Na realidade, toda essa perspectiva forma conflitos fundiários e marginalização social, onde a conservação imposta

verticalmente acaba criminalizando práticas de subsistência das comunidades tradicionais, indígenas e ribeirinhas.

Ao tratarmos sobre essas questões no discurso literário, discutimos não apenas um tema ecológico, mas como um reflexo intrínseco das tensões sociais que perpassam as comunidades. A função das obras literárias que conversam com os diversos temas como por exemplo, devastação das florestas, extinção animal e o impacto das ações humano tanto para o próprio Homem quanto ao que está a sua volta, traduzem simbolicamente conflitos reais ou fictícios que mimetizam essas histórias orais em um espaço de denúncia e consciência crítica, aproximando o leitor dos dilemas ambientais e mostrando como esses desafios não podem ser dissociados das estruturas sociais que moldam o cotidiano de grupos marginalizados.

Ao transpor esses componentes para a realidade, nota-se que a narrativa atua como instrumento de leitura do mundo ao expandir o entendimento do leitor sobre a relação entre o homem e natureza. Esse movimento fica evidente quando “O grande rio Amazonas, lhe pareceu um igarapé. Ah! Realmente! Nunca tinha parado para pensar que as coisas na Terra eram tão pequenas” (NOGEUIRA, 2022. p 57). O olhar aguçado de Cate reflete as dimensões míticas e uma perspicácia do mundo diante do imaginário amazônico, conectando-se com as lendas e a vastidão dos mistérios da mata. Assim, a ficção torna tangível problemas reais como a destruição de ecossistemas, o avanço da exploração e o desequilíbrio entre progresso e conservação em que ao mesmo tempo reforça a dimensão simbólica do território, trazendo o leitor para as implicações sociais e culturais que surgem da crise ambiental.

É desse modo que, ao mostrar a complexidade ambiental por meio da experiência sensível de Cate, o autor não apenas recria o vínculo entre ser humano e natureza, mas também estrutura a percepção de forma a dialogar com o repertório cultural e histórico do leitor. Tal composição nos mostra que a obra *Órfãos das águas* não se limita a relatar a Amazônia como cenário vazio, mas reintegra estratégias que instigam a curiosidade do leitor e amplificam as expectativas sobre o desenrolar da história, convidando o legente a reconhecer dimensões simbólicas e sociais que atravessam a crise ecológica. É nesse ponto que se confirma a afirmação de Carlos Reis.

Escrever um texto narrativo é, pois, solicitar a atenção de um leitor cujas coordenadas históricas, culturais e sociais o autor conhece com maior ou menor pormenor. É graças a esse conhecimento que ele adota estratégias literárias que, tomando em consideração a curiosidade do leitor, gerem calculadamente as suas expectativas em relação ao desenrolar do relato (REIS, 2018, p.236)

Ao indicar que escrever uma narrativa implica considerar as coordenadas culturais de quem lê, e orientar de forma inteligente pelos pormenores no sentido do texto, nota-se que a obra de Wilson Nogueira movimenta esses elementos para integrar o leitor ao imaginário amazônico. Dessa forma, o retrato do Amazonas que “lhe pareceu um igarapé” opera como recurso estilístico literário que encanta, provoca e abre espaço para uma leitura crítica, pois muda a grandiosidade natural do signo narrativo capaz de tensionar e explorar a condição humana e reafirmar a fragilidade do ambiente mediante o olhar atento da personagem.

Então, a partir dessa lógica, a história amplifica sua extensão simbólica ao abordar outros fenômenos naturais que atravessam o cotidiano amazônico, como se observa na passagem, “As tempestades provocam tragédias quando atingem cidades ou aviões. Aqui na Amazônia, a ocorrência desse fenômeno não é rara. Governo de vários países estão gastando milhões em pesquisa para prevenir os estragos causados pela fúria de Manecu” (NOGUEIRA, 2022, p. 52). Esse fragmento reforça como o autor, ao construir o relato, articula mitologia, percepção local e conhecimento científico, e mostra que a relação com a natureza é mediada tanto por credíes ancestrais quanto por explicações racionais. É dessa maneira que a experiência amazônica se constitui na intersecção entre a simbologia e o real, ofertando ao leitor uma panorâmica pragmática em que a cultura, o ambiente, o imaginário e demais elementos se juntam para revelar a complexidade das narrativas da região.

Todas essas temáticas ambientais, já trabalhadas anteriormente, estabelece um vínculo direto com a discussão sobre a função crítica da literatura no meio social. Ao contestar os relacionamentos entre sociedade e natureza, a narrativa assume um papel consciente, guiando o leitor a refletir sobre a dimensão universal dessa causa, e sobre sua responsabilidade como indivíduo único e plural. Apesar dessas temáticas serem presentificadas, ela não apenas recompõe muitas narrativas históricas da região amazonense, mas também atualiza a urgência do cuidado ambiental como questões éticas e coletiva. Essa preocupação se intensifica quando a obra apresenta situações concretas de conflito entre modos de vida tradicionais e pressões externas, como na cena em que.

Cate senta numa cadeira da fila da frente, ao lado direito do avô. Ao lado esquerdo está São Tertulino, pescador há mais de cinquenta anos. Há uns vinte pescadores na sala. Todos querem saber como seria possível continuar vivendo em Santa Rosa sem matar peixes-boi e tartarugas. James Brown não tem respostas acabadas para eles (NOGUEIRA, 2022, p 21).

Nesse momento, a história mostra o palco de tensões da sobrevivência econômica e preservação ambiental, pois ao mesmo tempo que o pescador estava disposto a parar com a caça

do peixe-boi surge seu questionamento de como iriam continuar a viver sem aquela prática de sustento. Essas reflexões sobre crise ecológica têm ultrapassado discursos abstratos que afetam diretamente o cotidiano das comunidades amazônicas. A partir dessa representação, torna-se possível encaminhar a discussão para o campo da Ecocrítica, pois esta investiga como os textos literários configuram, problematizam e ressignificam a relação entre seres humanos e o ambiente. Nesse sentido, a obra de Wilson Nogueira é um campo profícuo para uma reflexão dos impactos da exploração, os dilemas éticos da conservação e as múltiplas vozes que compõem o imaginário ecológico da região.

3.1 A Ecocrítica inscrita na obra *Órfãos das águas*

Para que possamos começar a discorrer sobre a Ecocrítica inscrita na obra, objeto desta pesquisa, faremos uma breve abordagem do que trata essa teoria. A Ecocrítica é um campo interdisciplinar dos estudos literários que analisa como esses textos representam, problematizam e reconfiguram o vínculo entre os seres humanos e o meio ambiente, sendo assim, "As ideias defendidas pela Ecocrítica são antigas, mas o campo de estudo recoberto sob a rubrica do vocábulo não o é. O próprio termo, *ecocriticism*, em inglês, foi cunhado no final da década de 1970 por Willian Rückert" (NETO, GOMES, s.d. p.39). Colocando esse parâmetro entre o diálogo filosófico, psicanálise, antropologia e ciência naturais, a Ecocrítica não se fixa a investigar imagens e paisagens ou temas ecológicos, mas questiona os pressupostos epistemológicos e éticos que reconduziram a natureza a um objeto passível de controle e explora como a literatura pode perturbar a dicotomia humana/não humano.

De acordo com Guimarães (2024, p. 4).

Dessas palavras de Heidegger (2002), hoje seria possível sublinhar o estabelecimento de uma identidade humana como o mesmo de si, em que tudo aquilo que for visto como alteridade está sujeito a ser dominado. A lógica exploratória do colonizador, a conversão da natureza para o vocabulário de recurso natural: quantos desdobramentos não terão nascido disso? Se visto sob uma perspectiva contemporânea, que conta com os significativos avanços dos debates sobre as subjetividades femininas nas últimas décadas, não parece mero descuido o emprego do vocábulo "homem" como equivalente a "humano".

Como aponta Jonatas Guimarães, esse enfoque que estrutura um pensamento, fundamentado na primazia do sujeito e na transformação do mundo em recursos disponíveis, não apenas sustentou práticas exploratórias como também delimitou quem poderia produzir conhecimento e sentido. É exatamente esse parâmetro que a Ecocrítica busca deslocar. Como

esse enfoque rompe com papel central do sujeito moderno, em suas bases e para que possamos admitir outras formas de subjetivação, validando animais, plantas e até constituintes inanimados como formas capazes de participar da constituição do mundo. Assim o que era antes rebaixado a condição de objeto ou artifício passa a ser entendido como força ativa, abrir o caminho para uma ética e uma leitura literária que indaga o antropocentrismo e reconfigura as nuances entre homem e ambiente.

Em termos metodológicos, a Ecocrítica trabalha tanto a historicidade das categorias humano e sujeito, quanto as formas narrativas que reconstituem relações de coabitação, predação, memória e agência ambiental. Portanto, propõe-se leituras que valorizem perspectivas não antropocêntricas, e investiguem como essa ficção cria espaços éticos para pensar. E ao fazê-lo, a Ecocrítica oferta instrumentos teóricos e críticas, como leituras que podem tornar presente a crise ecológica e simultaneamente, imaginar modos possíveis de coexistir. Nesse contexto, *Órfão das Águas* exemplifica de forma contundente esse movimento ao apresentar personagens que vivem em tensão constante entre práticas tradicionais e exigências ambientais, como os pescadores de Santa Rosa que questionam sua própria sobrevivência diante da necessidade de preservar o peixe-boi e as tartarugas

Por essa suposição, toda espécie, inclusive a humana, teria tempo limitado na Terra. Um dia também poderemos desaparecer se não cuidarmos muito bem do nosso Planeta. E nesse ritmo de poluição, de destruição da floresta, de falta de saneamento básico nas cidades, da fome que mata milhões de pessoas, é bem provável que esse dia não esteja tão longe assim (NOGUEIRA,2022, p48).

Essa reflexão mostra bastante a tensão sobre o discurso ambiental e eleva para uma dimensão ainda mais ampla, com a finitude da própria espécie humana. Ao falar que toda espécie, inclusive a humana, tem tempo limitado na Terra, a narrativa quebra com qualquer resquício de excepcionalismo antropocêntrico e aloca o ser humano para o mesmo ciclo de vulnerabilidade que liga todas as formas de vida. A advertência sobre o risco iminente agravado pela poluição, pela destruição da floresta, pela ausência de saneamento básico e pela fome estrutural são marcas da crise ecológica é também um conflito civilizatória, sendo resultado direto das escolhas políticas, econômicas e sociais que moldam e que muito reflete práticas do presente.

Essas nuances reforçam o diálogo com a Ecocrítica, tendo em vista que acentua que a literatura não apenas denuncia, mas também projeta cenários de alerta, utilizando a ficção como espaço ético de responsabilização e consciência ambiental. Assim, ao juntar a realidade dos pescadores de Santa Rosa à ameaça global ao futuro humano, *Órfão das Águas* nos mostra que

os elos de coabitação e destruição não se isolam, mas fazem parte de um mesmo sistema de desequilíbrio que convoca novas maneiras de imaginar e habitar o mundo.

Por fim, todo o entrelaçar memória, denúncia e sensibilidade ecológica, *Órfão das Águas* constrói um tecido narrativo que da vida, em sua própria estrutura, os princípios centrais da Ecocrítica. As imagens da destruição notáveis no desmatamento, na matança indiscriminada dos animais e no empobrecimento das águas, nos mostram um mundo/narrativa em desequilíbrio, sendo a vida humana e não humana sofre semelhantemente os impactos de escolhas predatórias. Todas as reflexões de Cate no decorrer da história convergem para chamada de conscientização, ele entende que a preservação da natureza é fundamental para garantir um futuro sustentável para todos, incluindo as próximas gerações.

Ao observar a floresta se tornar cada vez mais frágil, somam-se às explicações de Dr. Brown um personagem importante para constituir um pensamento mais ecológico e sobre a vulnerabilidade do peixe-boi, “compondo um quadro em que o ambiente deixa de ser cenário para assumir o papel de agente afetado e afetante” Nogueira (2022). De mesmo modo, a memória dos rios outrora abundantes, agora ameaçados pela poluição, tenta reaver a historicidade das relações com a natureza, destacando o quanto o presente desvincula-se com antigas formas de coexistência.

Evocar a floresta e os rios como santuários vivos, na narrativa reinscreve o valor simbólico e ético da Amazônia, reafirmando que a literatura pode e deve iluminar as fissuras da crise ecológica e, simultaneamente, trazer inúmeras maneiras de imaginar o futuro. Assim, toda a obra de Wilson Nogueira encerra-se com esse singelo gesto crítico e sensível “foi assim, que ali, na margem do rio Amazonas. há muitos anos. o menino e os moradores de Santa Rosa começaram a caminhada na direção da salvação do planeta e de tudo que nele existe” (NOGUEIRA, 2022 p.62). Dessa forma, a obra encerra-se reafirmando que a Amazônia, enquanto espaço simbólico e real, possui uma força formadora, ela educa, desperta e convoca o leitor a refletir sobre a preservação do espaço ambiental.

Conclusão

A transversalidade literária na obra *Órfão das Águas*, de Wilson Nogueira, permitiu uma nova forma de análise com tema central deste estudo sendo a relação entre imaginário amazônico, práticas socioculturais e as crises ecológicas, isso, evidenciando como a literatura se transforma em um espaço de diálogo entre sociedade, natureza e mito. E a partir dessa concepção, verificou-se que a narrativa do livro, articula elementos sociais, ambientais e simbólicos que revelaram as tensões históricas da região Amazônica, mostrando que a

problemática dessa pesquisa foi compreender como o texto literário representa e problematiza essas interações foi plenamente atendido nesse artigo.

Os indispensáveis resultados mostraram que a obra *Órfão das Águas*, vincula uma crítica sensitiva à exploração do meio ambiente, recupera memórias culturais e integrando os diversos saberes da população ribeirinha para construir um discurso que ultrapassa o plano ficcional e alcançar questões éticas atuais. Além disso, a perspectiva da Ecocrítica demonstrou que a narrativa desloca o olhar antropocêntrico, ao trazer o convívio com o ambiente e evidenciar a vulnerabilidade compartilhada entre seres humanos e animais. Dessa forma, o estudo evidenciou que a escrita desempenha um papel fundamental na formação de consciência ecológica e na valorização da identidade amazônica.

Com isso, confirma-se que as questões levantadas nesta pesquisa foram amplamente respondidas, *Órfão das Águas* não apenas representa, mas problematiza e ressignifica as relações do homem e natureza, reafirmando a potência do imaginário como instrumento crítico e formador. Isso levou a principal contribuição deste artigo residindo, portanto, em demonstrar que a literatura pode funcionar como meio de reflexão socioambiental, fortalecendo os debates sobre preservação, responsabilidade coletiva e memória cultural. E após tudo o que foi analisado, fica claro para mim que o ensino da Língua Portuguesa a partir da literatura amazonense não é apenas uma escolha temática, mas uma decisão pedagógica cheia de sentido. Quando aproximamos o conteúdo da realidade cultural e social dos alunos, o aprendizado deixa de ser algo distante e passa a ter rosto, voz e território.

Por fim, reconhece-se, que este estudo se limita a uma análise bibliográfica e interpretativa, não abrangendo abordagens comparativas com outras obras amazônicas ou estudos de campo com comunidades ribeirinhas. Assim, essa pesquisa não se encerra aqui, outras futuras podem ampliar a discussão ao comparar diferentes representações literárias da Amazônia, investigar outras narrativas Ecocríticas ou explorar o impacto dessas obras na formação de leitores e na educação ambiental.

Referência:

Almeida, Ítalo D' Artagnan. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico] / Ítalo D' Artagnan Almeida. - Recife: Ed. UFPE, 2021 (coleção Geográfica).

Aulete, Caldas, 1823? -1878: Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa/ Caldas Aulete; [organizador Paulo Geiger], - Rio de Janeiro: Lexikon, 2011. 1488p.

CULLER, JONATHAN Teoria literária: uma introdução /Jonathan Culler; tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda.,1999.

FREITAS, Sirley Leite; SOUZA, Moisés José Rosa; FREITAS, Simone Leite de. A construção do conhecimento científico. *Revista ARACÊ*, São José dos Pinhais, v.7, n.1, p.2563-2588, jan. 2025. DOI: <https://doi.org/10.56238/arev7n1-156>.

GUIMARÃES, Jonatas Aparecido. O que crítica a ecocrítica?: o humano, o não-humano e o sujeito ambiental. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 72, e7212, 2024. DOI: 10.1590/2316-40187212.

Literatura e Sociedade/ Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada/ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ Universidade de São Paulo. – N. 1 (1996) –. – São Paulo: USP/ FFLCH/ DTLLC, 1996 – Semestral Descrição baseada em: n. 12 (2009.2) ISSN 1413-2982

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. São Paulo: Escrituras, 2001

Órfão das águas - Uma historia de homens e bichos num planeta ameaçado de desaparecer. 4." edição /Wilson Nogueira - Manaus: Editor Valer,2011. 66 p.

PINTO, Francisco Neto Pereira; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. Contribuição da ecocrítica ao ensino de literatura. *Litterata: Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões*, v. 3, n. 1, p. 36-49, 2013.

PRODANOV, Cleber Cristiano. *Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REIS, CARLOS. *Dicionário de Estudos Narrativos*. Coimbra: Almedina, 2018. 582 pp.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941 – *Metodologia do trabalho científico [livro eletrônico]* / Antônio Joaquim Severino – 2. ed. - São Paulo: Cortez, 2017

SICSÚ, Delma Pacheco. *Contos e encantos na literatura infantojuvenil amazonense* /Delma Pacheco Sicsú. -1. ed.-Curitiba: Appris, 2019. 175p.;23cm - (Linguagem e literatura)